

REVISTA CICEP

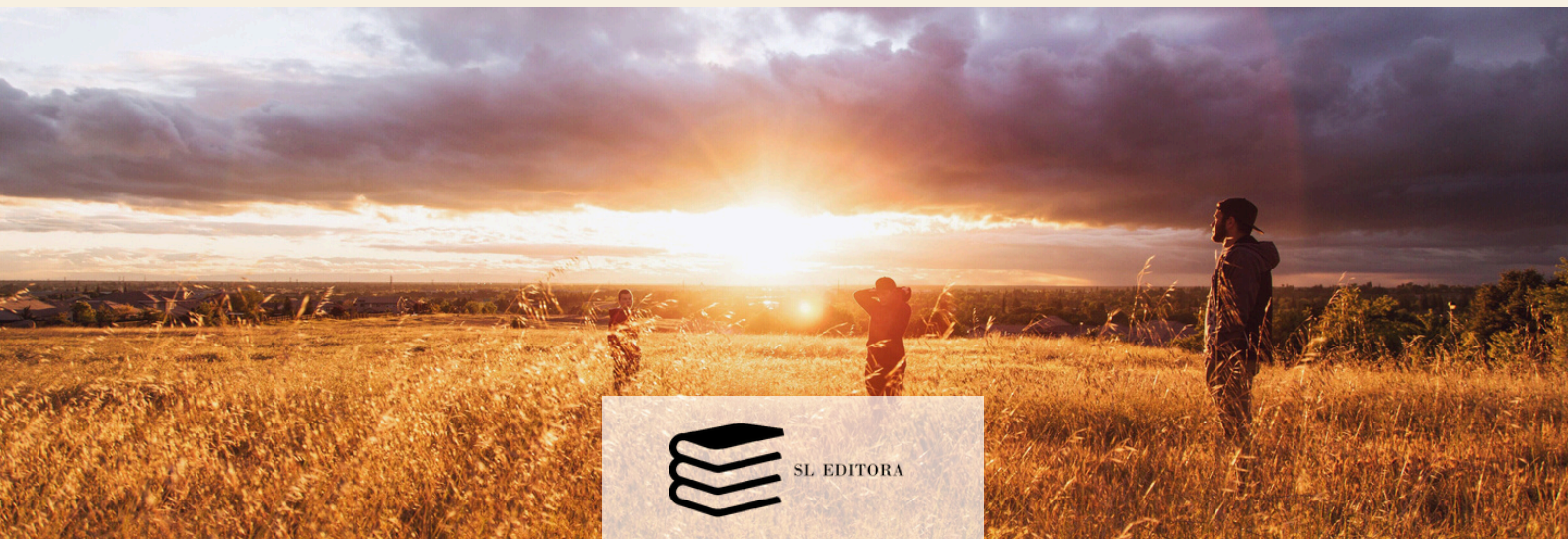
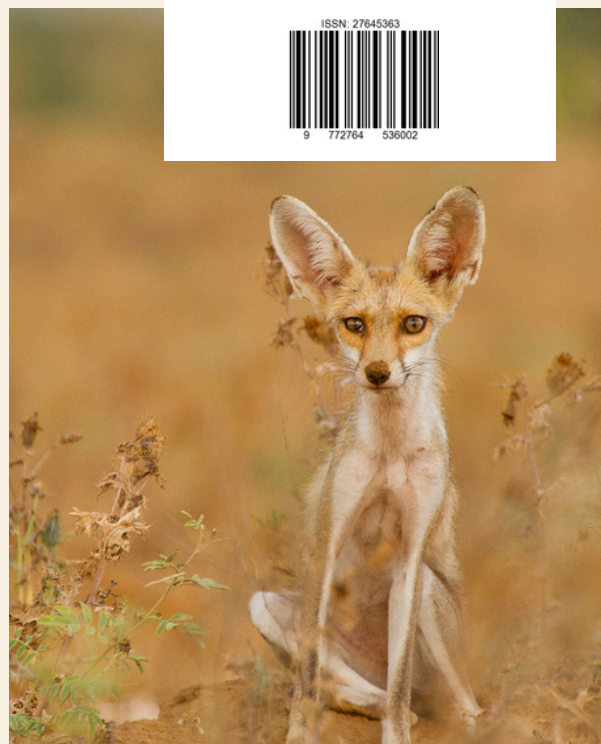
EVOLUÇÃO

JULHO DE 2024 V.3 N.7

DATA DE PUBLICAÇÃO: 10/07/2024

O MUNDO É UM
LIVRO E AQUELES
QUE NÃO VIAJAM
LEEM SOMENTE
UMA PÁGINA

ANA CAROLINA LIMA



SL EDITORA

Revista Evolução CICEP

Nº 7

Julho 2024

Publicação

Mensal (julho)

SL Editora

Rua Bactória, 164, Torre 2 - 85 – Jardim Vila Formosa 03472-100

São Paulo – SP – Brasil

www.sleditora.com

Editor Chefe

Neusa Sanches Limonge

Projeto Gráfico e capa

Lucas Sanches Limonge

Diagramação e Revisão

Rafael Sanches Limonge

Responsável Intelectual pela Publicação

Centro Institucional de Cursos Educacionais Profissionalizantes (CICEP)

Revista Evolução CICEP – Vol. 3, n. 7 (2024) - São Paulo: SL Editora, 2024 – Mensal

Modo de acesso: <https://www.revistaevolucaocicep.com.br/>

ISSN 2764-5363 (online)

Data de publicação: 10/07/2024

1. Educação 2. Formação de Professores

CDD 370

CDU 37

Renato Moreira de Oliveira – Bibliotecário - CRB/8 8090

SUMÁRIO

BULLYING: UMA AÇÃO NEGATIVA NA HORA DA APRENDIZAGEM

Thiago de Jesus	04
-----------------------	----

BULLYING: UMA AÇÃO NEGATIVA NA HORA DA APRENDIZAGEM

Thiago de Jesus

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo falar a respeito da prática do fenômeno bullying, quais suas consequências e danos na vida de uma pessoa. O artigo traz informações a respeito dos principais envolvidos na prática do bullying e qual a ação negativa na vida das vítimas. Fala também, do papel do Psicopedagogo e de como ele desenvolve seu trabalho dentro da instituição escolar. (...) O trabalho discorre sobre a dislexia, seus sintomas e sua origem. Também aborda como a família, professores e corpo docente deve agir para ajudar as crianças a superarem essa dificuldade na hora da aprendizagem.

Palavra-Chave: Dislexia, Bullying, Psicopedagogo, Aprendizagem.

ABSTRACT

This article aims to talk about the practice of the bullying phenomenon, what are there consequences and damages on people's life. The article brings information about the main people involved in bullying and the negative actions in the victims life. The role of the psychopedagogues and how they work in the school. The paper discusses dyslexia, its symptoms and its origin. It also talks about how the family, teachers and school should act to help the child overcome this difficulty at the time of learning.

Keywords: Dyslexia, Bullying, Psychopedagogy, Learning

INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste artigo é responder a seguinte pergunta: Em que medida o psicopedagogo pode contribuir, para que o aluno portador de dislexia e vítima de bullying não tenha um desenvolvimento negativo na hora da aprendizagem.

Esse artigo traz informações a respeito das contribuições que o psicopedagogo pode oferecer ao ambiente escolar. Falaremos da postura do psicopedagogo e o que ele faz dentro da escola. O estudo está centrado na definição de bullying, os atos que envolvem esse fenômeno e quais prejuízos que podem trazer para a vida das pessoas envolvidas. O papel do psicopedagogo é essencial no âmbito escolar. É por meio desse profissional e de sua técnica que alunos com dislexia podem seguir em frente se desenvolvendo e aprendendo em sala de aula. Sabemos que cada criança tem seu ritmo e seu tempo para aprender um determinado conteúdo.

O bullying é classificado como direto, quando as vítimas são atacadas diretamente, ou indireto, quando não existe agressão física, mas psicológica. Existem vários ambientes onde pode ocorrer a prática do bullying, tais como: nas redes sociais, na escola e no trabalho. Normalmente o bullying começa na infância se estendendo até a vida adulta. A dislexia é um distúrbio de linguagem ou leitura. É caracterizada por dificuldades no reconhecimento preciso de palavras assim como pela capacidade de pronunciá-las. Além da dificuldade com a escrita, a leitura e a soletração, as pessoas envolvidas podem demonstrar dificuldades em outras áreas como na aquisição da matemática.

O interesse por este assunto surgiu com a necessidade de procurar entender o que leva uma criança a ofender, a brigar e machucar a outra. Qual o papel do Psicopedagogo dentro do ambiente escolar e como ele agiria para ajudar uma criança disléxica vítima de bullying no processo de aprendizagem.

DISLEXIA E SUAS CARACTERÍSTICAS

A dislexia é caracterizada por dificuldades no reconhecimento preciso de palavras e na capacidade de pronunciar, além da dificuldade com escrita, leitura e soletração, podendo demonstrar dificuldade em outras áreas como na aquisição da matemática.

Um enorme número de pessoas acredita erroneamente que dislexia seja simplesmente uma questão de espelhar números ou ter dificuldades para ler; ela é muito mais complexa e extensa do que

isso. Traz dificuldades na escrita, nas relações espaciais, nas direções, na administração do tempo, na lembrança de palavras e na memória. (FRANK; 2003, p. 4)

A palavra dislexia é derivada de DIS: distúrbio e LEXIA: que em grego, quer dizer linguagem, e em latim, significa leitura. A dislexia caracteriza-se por uma controvérsia na hora de reconhecer determinadas palavras e na capacidade de interpretar e codificar.

A dislexia é uma dificuldade primária que surge na infância, na hora da aprendizagem, abrangendo a leitura, escrita e soletração ou podendo ser a junção de duas ou três destas dificuldades de aprendizagem.

Sendo mais preciso a dislexia é o distúrbio, o transtorno da aprendizagem que na maioria das vezes é identificado somente na sala de aula.

Aprofundando um pouco mais, dislexia é um problema neurológico relacionado à linguagem e à leitura; as habilidades de escrita de palavras e de textos, de audição, de fala e de memória também podem sofrer impactos. (FRANK, 2003, p. 4)

Existem três tipos de dislexia: visual, auditiva e uma junção ou combinação das duas. É de suma importância para os familiares entenderem que a dislexia visual não significa que a criança tenha um problema de visão. Ao contrário, os problemas vão surgindo quando ela tem que processar e interpretar pelo cérebro a imagem vista.

Alguns autores classificam a dislexia como dislexia visual e/ou auditiva. Crianças com dislexia visual apresentam comprometimentos na área de percepção visual e criança com dislexia auditiva, comprometimentos maiores na percepção auditiva, podendo ainda ocorrer a dislexia mista, com ambas as áreas prejudicadas. (STELLING, 1994, p.49)

Frequentemente é o professor quem descobre, ou percebe os primeiros sinais da dislexia na criança, em seguida os pais começam a achar estranho o atraso na leitura do filho. As suspeitas resolvem aparecer, geralmente quando um aluno brilhante apresenta problemas na leitura. Isso causa uma surpresa nos pais e no educador.

A dislexia engloba um importante conglomerado de afecções que se caracterizam, de forma fundamental, pelas dificuldades de aprendizado da linguagem e da escrita. Lauretta Bender, citada por Queirós (1980), tem usado

desde 1940 o termo “atraso na maturação” para caracterizar as dificuldades específicas de linguagem em crianças [...] Atrasos na maturação estão relacionados com o curso de evolução e parece ser mais ou menos específico para problemas de aprendizagem, da linguagem.

A dislexia pode ser desencadeada por quatro fatores: de ordem neurológica, de origem linguística, as congênitas e as de ordem psicogênicas.

Geralmente, os indícios da dislexia surgem quando a criança começa a ler e escrever, mesmo nesse período da vida da criança, pode levar bastante tempo até que o transtorno de aprendizagem possa ser diagnosticado de forma clara.

De acordo com FRANK “Em alguns casos mais sérios existem sinais que aparecem mesmo antes de a criança começar a ler, como o atraso na fala”. Até os seis e sete anos é normal que as crianças troquem as letras de lugar na hora de escrever uma palavra. No momento da leitura também é comum que essa troca de palavras ocorra. O alerta é acionado quando uma criança com idade entre oito e nove anos realiza essa troca na hora da escrita ou da fala. Essa situação indica um sinal para que os pais e professores fiquem atentos

O desenvolvimento dessas funções apresenta-se retardado na leitura, na escrita e na ortografia. A capacidade para realizar essas atividades é bastante prejudicada em suas formas mais primárias e ler, compreender um pequeno texto, resumi-lo, escrever um bilhete são tarefas muito difíceis para o dislético.
(STELLING, 1994, p.60)

Logo nos primeiros anos da alfabetização, surgem muitas dificuldades e na hora da aprendizagem das letras. Também existem confusões entre palavras sejam elas, na sua sonoridade ou escrita e em especial palavras que apresenta semelhanças, por exemplo entre as letras p e b, p e q.

Quase sempre, as crianças com dislexia ficam preocupadas em decifrar os símbolos escritos e se confundem no significado das palavras.

Quando passamos a falar da leitura do dislético sabemos que ela é feita de forma lenta. Quando a leitura é feita de forma rápida, quase sempre a criança passa a ler sílaba por sílaba. Segundo Stelling a leitura de uma criança

com dislexia é lenta apresentando interrupções e erros de confusões de consoantes, como inversão na ordem das sílabas na palavra etc. Outra característica da criança com dislexia na hora da leitura é respeitar pontuação, falta-lhes entonação na leitura, o que a torna muitas vezes incompreensível. Para uma criança portadora de dislexia é muito complicado compreender o que está sendo lido, seja essa leitura feita em voz baixa ou alta. Para se tornarem mais fáceis e claras as suspeitas de que, uma criança seja portadora da dislexia, surge uma lista de indícios que podem ajudar na hora do diagnóstico feito por um profissional em parceria com os pais e os professores.

- Dificuldade em seguir direções.
- Autoestima ameaçada.
- Dificuldade e confusão na hora de soletrar.
- Medo de ler em voz alta.
- Não saber com propriedade o que é direita e esquerda.
- Lentidão em atividades escritas.
- Incapacidade de lidar com a matemática.
- Relutância em ir à escola.
- Problemas em conhecer e escrever palavras.
- Problemas com ortografia.
- Inversão de letras.
- Problemas com organização.
- Dificuldade em revisar ou identificar erros.
- Baixo limiar de atenção quando escuta.
- Compreensão inferior de leitura.
- Confusão com símbolos e com o alfabeto.
- Problemas de discriminação visual.
- Problemas de percepção espacial.
- Pouca noção de tempo.
- Problemas em lembrar rotinas diárias.

A dislexia um tipo de transtorno /ou especialidade “invisível”, o que nos torna muito complicado para ser detectado na correria do dia a dia. Porém para

a criança portadora dessa especialidade, na cabeça dela a dificuldade que ela possui é bem óbvia para a sociedade em geral.

Na verdade, ninguém pode apontar para a dislexia como para uma perna quebrada; não há sinais evidentes que diferenciem seu filho de qualquer outra criança. Por essa razão acredito eu, a criança com dislexia vivencia sua “vida secreta” de maneira singular: é bem consciente de que não é como as outras crianças, mas pode ser impelida a manter um véu de sigilo sobre seu transtorno. (FRANK, 2003, p. 6)

Os pais são os que melhor conhecem os seus filhos e podem perceber os primeiros sinais de baixa estima e falta de vontade de ir à escola. Quando olhar a lição da criança pode-se perceber a dificuldade na ortografia que é um indício da dislexia. Uma situação que pode deixar os pais alerta é casos de dislexia na família, mesmo que seja casos isolados.

A avaliação de a dislexia ocorrer geralmente na 3º série do ensino fundamental, embora esse problema só seja detectado anos mais tarde. Se caso você pai tem alguma suspeita e acha estranho algum comportamento do seu filho, entre em contato com a escola e solicite uma avaliação para sanar a suspeita. Quanto mais rápido conseguir que profissionais trabalhem a favor do seu filho melhor.

Frank diz que: “É mais adequado para você procurar ajuda e descobrir que seu filho não precisa dela, do que descobrir muito depois que ele necessita dela, mas não a recebeu porque os adultos não estavam “por dentro” (2003)

BULLYING

O termo bullying é de origem inglesa e ainda não há correspondente na língua portuguesa que possibilite uma tradução literal. Vem do vocábulo inglês To bully, que significa agredir, intimidar, atacar. Se recorrermos ao dicionário, encontraremos as seguintes traduções para a palavra bully: indivíduo valentão, tirano, mandão, brigão. Já a expressão bullying corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado pelo bully (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender.

O bullying parte do conceito de desrespeito. O bullying envolve atos, palavras ou comportamentos prejudiciais com intenção de ferir ou machucar de forma repetitiva suas vítimas. Os comportamentos incluídos no bullying são variados: palavras ofensivas, difusão de boatos, humilhação, brigas, fofocas, exposição ao ridículo, acusações, isolamento, atribuição de tarefas, socos, chutes, ameaças, insultos, sexualização, agressões, ofensas raciais, étnicas ou de gênero. Na juventude e na idade adulta as vítimas são escolhidas a dedo, os bullies irão sempre encontrar na vítima alguma coisa que lhes chame atenção para que as ameaças e insultos comecem. As vítimas podem ser gordas ou magras demais, usar óculos, andar de cadeira de rodas, serem invejadas por executarem o seu trabalho de forma exemplar, usar roupas inadequadas, serem passivas ou independentes. Além disso a origem étnica, o sexo, a religião, a origem socioeconômica ou orientação sexual diferente entre outros motivos geram esse fenômeno de exclusão social.

[...] os comportamentos envolvidos no bullying são variados: palavras ofensivas, humilhação, difusão de boatos, fofocas, exposição ao ridículo, transformação em bode expiatório e acusações, isolamento, atribuição de tarefas pouco profissionais ou áreas indesejáveis no local de trabalho, ameaças, insultos, sexualização, ofensas raciais, étnicas ou de gênero. (MIDDELTON- MOZ E ZAWADSKI, 2000, p. 21)

Nesse contexto, o bullying pode ser considerado retrato da violência e da covardia estampadas diariamente no templo do conhecimento e do futuro de nossos jovens: a escola. É fundamental explicitar que as atitudes tomadas por um ou mais agressores contra um estudante, geralmente, não apresentam motivações específicas ou justificáveis.

O bullying é classificado como direto, quando as vítimas são atacadas diretamente, ou indireto, quando estão ausentes. São considerados bullying diretos os apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal-estar aos alvos. O bullying indireto compreende atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos.

O termo “violência escolar” diz respeito a todos os comportamentos agressivos e antissociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos etc. Muitas dessas situações dependem de fatores

externos, cujas intervenções podem estar além da competência e capacidade das entidades de ensino e de seus funcionários. Porém, para um sem-número delas, a solução possível pode ser obtida no próprio ambiente escolar.

Olweus 1978 oficializou, por tanto, o início dos trabalhos investigativos acerca dos problemas entre crianças em idade escolar-trabalhos que são realizados até hoje. A partir da década de 1980, Olweus iniciou estudos interventivos a fim de descobrir meios de prevenir o bullying [...] (MEIER, ROLIM, 2013, p. 15)

O bullying acontece quando há intenção por parte do agressor de ferir, humilhar e machucar a sua vítima, tanto de forma física ou psicológica. É bullying quando se provoca inúmeras vezes, partindo sempre da pessoa que se considera mais forte, deixando marcas profundas, causando grande sofrimento na vítima. Não é considerado bullying, discursão ou brigas isoladas. Se não houve a intencionalidade de causar ofensa. Momentos de raiva, discursão e xingamentos no auge de uma briga sem agressão física não pode ser considerado como prática de bullying. (Elaborar um parágrafo para finalizar a introdução)

BULLYING E DISLEXIA NA ESCOLA

As vítimas estão marcadas e visadas pelos agressores, os quais, quando agredem, sabem exatamente o que estão fazendo e como farão. Quando o agressor está pronto para agir, ele vigia a vítima e estuda cada detalhe para descobri o seu ponto fraco. As vítimas muitas vezes com medo ou por vergonha não procuram ajuda, e acabam guardando para si. A vítima perde a vontade de ir para escola, chegando a simular doenças e mal-estar, chega a desenvolver depressão, até chegar ao suicídio. “As vítimas costumam ser mais frágeis, com algum traço que destoa do modelo culturalmente imposto ao grupo etário em questão, que pode ser físico ou emocional, como o caso da timidez” (BALLONE, 2005, p. 25).

Por serem frágeis não se encaixam no grupo dos valentões. As vítimas não sendo o padrão que os colegas impõem, acabam sofrendo o bullying. A prática do bullying se caracteriza por motivos alheios, causando distúrbios nas

vítimas, as fazendo sentirem vergonha de si mesmos e gerando um forte sentimento de insegurança, o que lhe impede de falar sobre a violência que está sofrendo na escola, tendo o silêncio como seu único aliado. “existem sinais que facilitam a identificação de quem está sofrendo maus tratos, tais como “agressividade, mal-estar na hora de ir às aulas, melancolia, notas baixas”. (OLWEUS 1998 APUD NOGUEIRA, 2007, p.27). Muitas das vezes a vítima deixa transparecer alguns sinais que está sofrendo bullying, mas passa despercebido pelos pais, professores e colegas de classe, as vezes pela correria do dia a dia ou quem consegue perceber chega a pensar que é frescura da vítima.

Entendemos que para ser vítima de bullying a vítima tem que ser diferente, não se encaixar nos padrões estabelecidos ou ter alguma deficiência. O que o bullying trás de negativo na hora da aprendizagem para uma criança que possui dislexia? Sabemos que uma criança que carrega consigo uma necessidade especial seria um alvo desejado para um causador de bullying. A dislexia faz com que o portador se torne uma pessoa solitária, quieta, que carrega vários medos dentro de si, compreendo que o bullying é algo muito sério dentro do ambiente escolar, algo que causa dor, solidão, medo e capaz de arrancar até a vida de uma pessoa que passa a sofrê-lo diariamente.

O fenômeno bullying em sua ação mais concreta e absurda vem para ferir, humilhar, espancar, tirar sarro, constranger a vítima e torná-la em bode expiatório.

A criança que carrega a dislexia no seu dia a dia, não consegue interagir dentro da sala de aula, ela se sente inferior aos colegas, procura sempre se sentar sozinho e não interage nas atividades, evita ler em voz alta para que toda classe ouça pelo simples fato de gaguejar, trocar as palavras e não conseguir entender o que está lendo. As letras e números para um disléxico são formiguinhas andando de um lado para o outro, as letras se movimentam e a compreensão é cada dia mais difícil de ser feita.

O agressor aproveita esse momento para analisar a sua vítima e torná-la aquele “bode expiatório” citado anteriormente, na hora do intervalo é o momento em que o agressor ri da vítima, criando grupinhos para falar mal e

apelidar a criança portadora da especialidade. As ações variam dos palavrões, apelidos até a agressão física.

A vítima se sente incapaz de relatar tudo isso que está passando para o professor e muito menos para os familiares, deixando-o ser dominado pelo desânimo e passa a acreditar que é uma pessoa incapaz de aprender qualquer assunto que seja abordado na sala de aula. A criança se desespera a cada dia, começa a passar extremamente mal quando se aproxima a hora de ir para escola, se queixa para o pai para ficar em casa nesse dia. A criança deixa de acreditar no seu potencial e não consegue aprender ou assimilar o aprendizado.

A ação do bullying na hora da aprendizagem de uma criança portadora da dislexia é extremamente negativo. O medo toma conta da criança gerando incapacidade para a reação. O desespero por não aprender a ler ou escrever corretamente ou na mesma velocidade dos colegas deixa criança extremamente chateada e infeliz. O bullying vem como um monstro que aponta, ridiculariza, fala mal, agride fisicamente e causa danos psicológicos.

Por passar por tudo isso a criança deixa de acreditar nela mesma e na capacidade de aprender.

O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO NO AMBIENTE ESCOLAR

O papel da educação e do psicopedagogo é de orientar, ajudar e instruir apontando caminhos entre os diferentes alunos. Estas ações devem ocorrer dentro do ambiente escolar e agir na individualidade de cada ser humano na sua necessidade de aprendizagem e no processo de alfabetização.

A psicopedagogia se ocupa da aprendizagem humana, que adveio de uma demanda – o problema de aprendizagem, colocando num território pouco explorado, situado além dos limites da Psicologia e da própria Pedagogia – e evolui devido à existência de recursos, ainda que embrionários, para atender a essa demanda, constituindo-se, assim, numa prática. Como se preocupa com o problema de aprendizagem, deve ocupar-se inicialmente do processo de aprendizagem. (BOSSA, 1994, p. 11).

O psicopedagogo escolar deve saber realizar ações mediante a dificuldade do aluno e chegar a um resultado. A aprendizagem é algo que ocorre a partir do nascimento do indivíduo, a criança nasce a aprende a chorar para avisar a mãe que precisa de alguma coisa seja comer ou trocar a fralda; logo aprende a correr, falar, a ler etc. Sendo assim a vida é um constante aprendizado dia após dia.

O Psicopedagogo é o profissional que auxilia no espaço escolar alunos com dificuldades de aprendizagem.

Esse saber exige do psicopedagogo que recorra a teorias que lhe permita reconhecer de que modo se dá a aprendizagem, bem como às leis que regem esse processo: as influências afetivas e as representações inconscientes que o acompanham, o que pode comprometê-lo e o que pode favorecê-lo. É preciso também que o psicopedagogo saiba o que ensinar e o que é aprender; como interferem os sistemas e métodos educativos; os problemas estruturais que intervêm no surgimento dos transtornos de aprendizagem e no processo escolar. (BOSSA, 1994, p. 14).

Esse profissional estabelece um elo entre ele e o aluno, sem preconceitos, passa a ouvir o aluno, interpreta sua situação e planeja estratégias para que a vida escolar dessa criança possa acontecer de forma plena. É positivo dizer que para o diagnóstico de uma criança o psicopedagogo não trabalha sozinho, ele depende de parcerias com outros profissionais tais como: Neurologista, Psicólogo, Clínico geral e outros se assim for necessário. Sabemos que cada criança tem o seu tempo e o seu processo na hora de aprender determinado conteúdo, algumas aprendem de forma rápida e prática, outras são lentas e aprendem com um ritmo mais vagaroso. Nesse momento o psicopedagogo começa a agir com informações trazidas pelo professor, assim ele passa a criar estratégias e maneiras para auxiliar as crianças que possuem dificuldades na hora de aprender. Dessa forma, ele acaba ajudando o aluno e o professor, não permitindo a queda do rendimento ou o fracasso escolar.

Pode ser percebido que nem sempre a metodologia que o professor usa atinge a classe por inteiro, principalmente aquele aluno que troca as letras, não consegue ler em voz alta e escreve espelhado. O professor mudando sua metodologia percebe que o aluno que trocava as letras não conseguiu

aprender, nesse caso o psicopedagogo é acionado para analisar e ajudar e ajudar esse aluno a lidar com essa dificuldade.

Em parceria com a família, com os professores devem trabalhar em conjunto em prol desse aluno e da sua dificuldade, sempre buscando entender a dificuldade da criança e suas limitações.

Como agiria um psicopedagogo sabendo que uma criança portadora de dislexia está sofrendo bullying na escola? O que o profissional fará para que esse impacto tão negativo não atrapalhe a criança na hora aprendizagem? Sabemos que a prática de bullying é algo muito perigoso, principalmente quando isso ocorre no ambiente escolar, onde os envolvidos são crianças e adolescentes. Na maioria das vezes o bullying é aleatório, passando de uma pessoa para outra, causando aquele efeito em cadeia. Brigas, apelidos, ameaças, opressão, falar mal e deixar a vítima em uma situação desagradável são sempre o objetivo. Para solucionar esse assunto tão delicado o psicopedagogo deverá criar ações ou projetos que conscientize os alunos a não praticarem o bullying, trazer fatos, filmes, palestras para que esse trabalho seja feito com qualidade. Para que isso aconteça, de forma positiva o trabalho terá que mobilizar a comunidade escolar, isso envolve gestão, família, professores, alunos e o psicopedagogo.

O trabalho do psicopedagogo é de caráter muita das vezes preventivo.

O trabalho do psicopedagógico pode, certamente, ter um caráter assistencial. Isso acontece quando, por exemplo, o psicopedagogo participa de equipes responsáveis pela elaboração, direção e evolução de planos, programas e projetos no setor de educação e saúde, integrando diferentes campos de conhecimento. (BOSSA, 1994, p. 23).

O que faz o psicopedagogo dentro do contexto escolar, além de prevenir a situações de agressão e as dificuldades de aprendizagem das crianças? Esse profissional vem para criar estratégias de aprendizado, organizar os alunos que não tem uma visão clara a respeito da postural estudantil. Segundo Lino Macedo (1990), o psicopedagogo, no Brasil ocupa-se das seguintes atividades: Orientação de estudos, apropriação dos conteúdos escolares, desenvolvimento do raciocínio e atendimento de crianças.

Para Janine Mery (1985), o psicopedagogo é um professor de um tipo particular que realiza a sua tarefa de pedagogo sem perder de vista os propósitos terapêuticos da sua ação.

O envolvimento de professores, funcionários, pais e alunos é fundamental para a implementação de projetos de redução do bullying no ambiente escolar.

A participação de todos visa estabelecer normas, diretrizes e ações que reforcem que a prática de bullying não é saudável. Essas ações devem priorizar a conscientização geral de todos aqueles que estão envolvidos na escola. O bullying é complexo e de difícil solução, portanto é preciso que o trabalho seja feito de forma contínua, podendo ser incluído no cotidiano/ rotina das escolas sendo alavancado ou sustentado com os temas transversais em todos os momentos no decorrer dos 200 dias letivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O psicopedagogo é aquele que vem para intermediar a aprendizagem dos alunos que não conseguem lidar com o processo de construção do conhecimento. Ele tem um papel primordial nesse contexto, sendo o responsável para ligar o processo de ensino e aprendizagem.

O psicopedagogo cria estratégias e novas formas de aprender determinados conteúdos. Quando nos referimos a dislexia o psicopedagogo irá buscar formas e meios para ajudar a criança portadora dessa especialidade, trabalhando sempre o potencial desse aluno que já carrega consigo esse transtorno. Buscará estratégias para que seja feito um trabalho em parceria com a família, comunidade escolar e as crianças procurando sempre envolvê-los ampliando um olhar em torno dessas dificuldades. Cabe também ao psicopedagogo institucional realizar um trabalho de prevenção a prática do bullying, que é um tema recente e recorrente dentro do ambiente escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ASBAHR, Fernando Ramos. **Transtornos de ansiedade na infância e adolescência**. São Paulo: Editora Casa Leitura Médica, 2010.

BOSSA, Nádia Aparecida. **A Psicopedagogia no Brasil**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul, 1994.

FRANK, Robert. **A vida secreta da criança com dislexia**. São Paulo: Editora M. Books do Brasil Ltda, 2003.

MEIER, Marcos; ROLIM, Jeanine. **Bullying sem blá blá blá**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2013.

MIDDELTON-MOZ, Jane; ZAWADSKI, Mary Lee. **Bullying: estratégias de sobreviver para crianças e adultos**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2017.

RUOTTI, Caren; ALVES, Renato; CUBAS, Viviane de Oliveira. **Violência na escola: Um guia para pais e professores**. São Paulo: Editora Andhep, 2006.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Editora Fontanar, 2010.

STELLING, Stella. **Dislexia**. Rio de Janeiro: Editora Revinter Ltda, 1994.

